

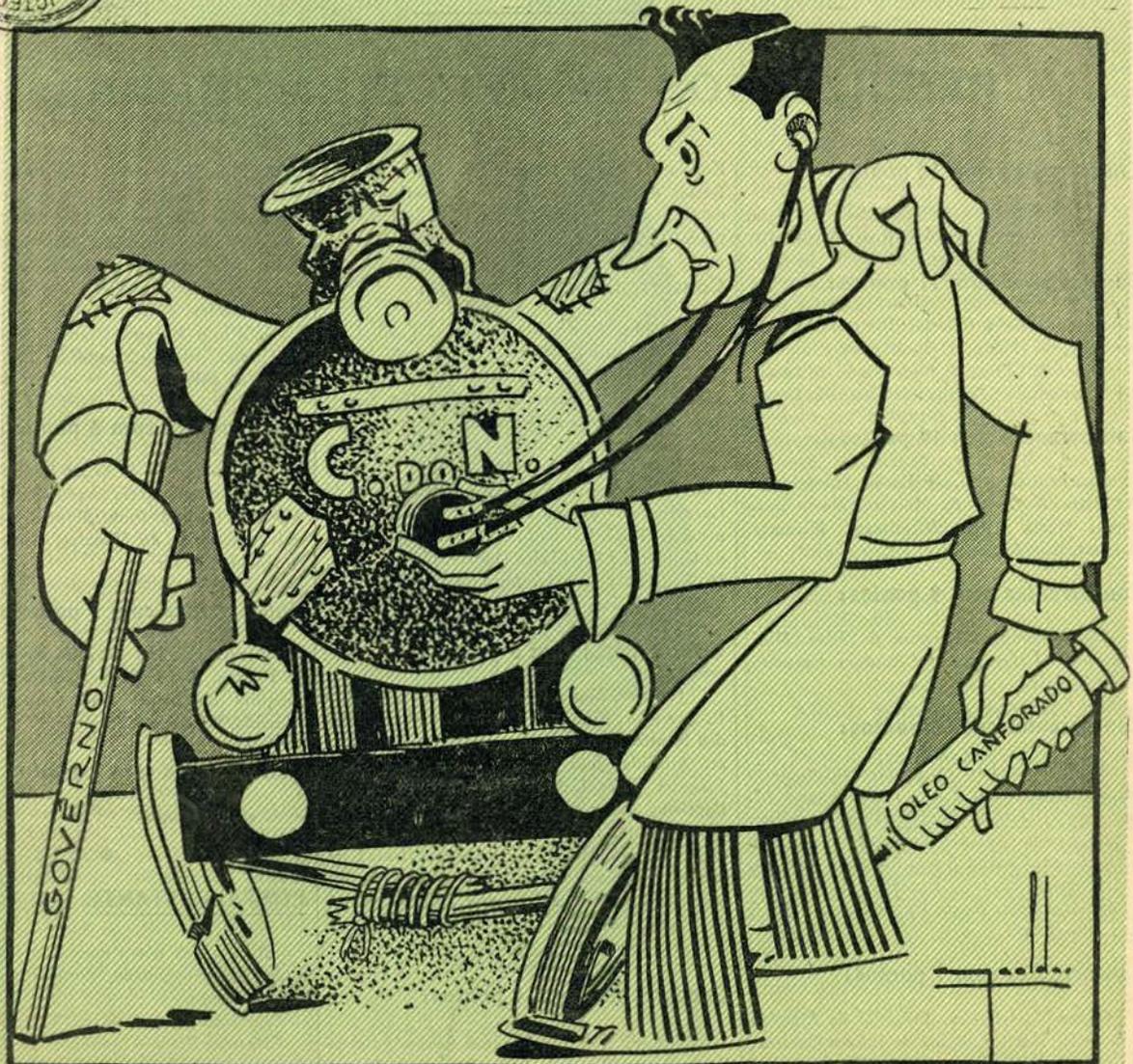
SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



Uma auscultação "Plácida"



Ou o melhor médico para curar as forças caídas...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00

Número avulso 1 escudo
Anúncios: Preços convencionais

GRANDE CONCURSO DE JULHO

PIM - PAM - PUM

A que toda a gente poderá ainda concorrer, segundo o plano do concurso, que publicamos nos n.ºs 65 e 66.

RESULTADOS DA TERCEIRA SEMANA

Concorrentes com 12 pontos:

Guicha, Francisco Moutinho, L.ª Baia, Adriano Fernandes da Silva, Rosa Maria.

Concorrentes com 11 pontos:

Rucas, Maria Celeste, Pimpão de Altamina, Maria Manuela, Rodrigues Pinho, J. Fernandes da Gama, Bichinha Gata, Zé Lopes, Vasco Amaro de S. e Silva da Costa, A. Lopes.

Concorrentes com 10 pontos:

Evaristo Teixeira, Zé Barão, Monteiro II, M.ª Rosa Moreira, A. Martins, Maria Rosa Lopes, Maria Alice, Miquinhas, Miramar, Fuinhas, Ruy Altamina.

Concorrentes com 9 pontos:

Lizé, Domingos Ferreira da Silva, Miki Nanachim, Lafayette 1.º, António Carneiro, Maria Regina.

Concorrentes com 8 pontos:

António Dias Pereira, João Ninguém, Maria Helena Aguiar Neto, T. A. T. C., Saxies 3.º, Francisco Teixeira, R. Andrade, Pum-Pam-Pim, Joreca, Frank Old, D. Trancoso, Conceição O.ª de Lima, Charlot Aureo Amândio Martins, José Ferreira Tavares, Francisco de Oliveira, António Baptista, Maria Lygia Pereira, Juca, Terezo dos Tereos.

Concorrentes com 7 pontos:

Gomes de Oliveira, Eduardo de Almeida Rodrigues, Maria Cristina de Barros Queiroz, Belmiro A. da Silva Pôrto, Rei do Orco, Fé,

Emília da Silva, D. Pilo, Bucha e Estica, Bastos de Oliveira, Adriano X. Nel, Manuel de Oliveira, Gardina Couto, Flor de Liz, Kateleb Elmá, Sécualho, Belsai Successor.

Concorrentes com 6 pontos:

Piriloto, Margarida e Maria, T. O. Ch., António Pinto, Sô Darco, Sô Bichão, Rutra Luar, Otter, Kikinho, António Lopes, Arsénio, Alcino, Joaquim Mota, Zangoripantafas, Sepol, Rogério Vermelho, Maria da Costa Lamas, Manuel da Silva Guimarães, Bartoff e Strogoff, Luís Gomes da Silva, Lamisc, José Gil Pimentel, Joaquim Gonçalves Matias, José de Carvalho, Hercúlo Ribeiro Feliz, Frei Canecca, D. Lopi, Bellis, Max, Maria Jesus Vieira da Cunha, Luís Oliveira Duarte, Calma Zé Zé, D. José, D. Quichote, António Aug., Joaquim Gonçalves, Marilís.

Concorrentes com 5 pontos:

Lripeiro, Maria Rodrigues, João Rodrigues P. Salvador, Fernando Coelho, Domingos Dias dos Santos Nunes, Domingos Serqueira, Alma até Almeida, José Amadeu Martins de Lima, Joaquim Telos Cabral, José Oliveira, Carlos Baptista, Artur de Almeida Barbosa Campos, O homem que nunca ri, Octavia Maria, Manuel de Figueiredo, Maria Laura Campos, Luis Sarmiento, Fantasma Negro, João Tino W. X., Maria Isabel Ferreira da Cunha, Moises Pimenta da Costa, Rei dos Naboç, Pandigota, Alzira Reis, P. Daço.

Concorrentes com 4 pontos:

Shippy, Sou um burguês terrível, Pavão Real, + ou, Maria de Lima-Reis, João Afonso

Ratão, José Rosas da Costa, Francisco Augusto Ventura, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Alvaro dos Santos Coutinho, Alexandrino Machado, Manuel Aug. da Silva Vieira, Altamir Pinto de Abreu, Aug. dos Santos, Alma de Almeida, Aut. Marques, Rosa Branca, Faço, António Silva, Zé Elias, Elvira Rodrigues Silva, Maria Pinto Moreira, Manuel Andre Ferreira da Cunha, Adelino Mendes Leal, Alberto Henriques da Silva.

Concorrentes com 3 pontos:

Eduardo Lobo d'Avila, Fernando Manuel Lopes Pinto, Maria Arminda, Joaquim de Abreu, Pim-Pam-Pum, Manuel Tavares, Joaquim Mesquita de Menezes, António Castro, Amâncio Peixoto.

Concorrentes com 2 pontos:

Alvaro Guedes, Joaquim da Silva, Delmiro de Freitas, Maria Raquel da Cunha Milhães, Joaquim da Silva Tino, João Monteiro de Almeida, Eduardo M. Rebelo.

Concorrentes com 1 ponto:

Sempre Pronto.

POSTA RESTANTE

Alcino — A nossa marcação está certa, e o senhor está enganado, porque não matou o Sempre em pé.

Zé Barão — Foi aceite. Veja classificação.

Kateleb-Elmá — Mande e são-lhe contados 3 pontos por cada semana de atraso.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Era fatal!

Revolucionadas tôdas as nações do mundo — grandes, médias e pequenas — era de esperar que também as pequeníssimas quisessem ser gente e passar a história com uma revoluçãozinha, mais ou menos proporcionada às suas forças.

Foi impulsionada por êsse nobilíssimo desejo que a República de Andorra acaba de erguer-se como um só homem — passe o lugar comum, que afinal se aproxima muito da verdade — rebelando-se contra os seus chefes de estado. Porque Andorra, com ser pequeniníssima (as duas freguesias que a constituem pouco passam de 5.000 habitantes) goza da curiosa particularidade de ter dois chefes de estado: o bispo de Urgel e o presidente da república francesa. E o mais interessante é que êsses dois galos do mesmo poleiro se não degladiam. Ao contrário. A-pesar-de eclesiástico um, e de laico o outro, dão-se como Deus com os anjos, ambos unidos em espesinhar o brioso povo andorrense.

O bispo de Urgel faz-se representar por um sindico. O presidente da república francesa por outro. Dois sindicos que põem e dispõem. E só nisto é que a república andorrana pode ser nacional-sindicalista. Porque, se quiser governar-se pelo velhissimamente novo sistema das corporações, acontecer-lhe-á que cada uma de elas será constituída... por um só indivíduo. De facto, em Andorra há um só sapateiro, um só alfaiate, um só mestre-carpinteiro. *Mestre*, é um modo de dizer, porque não tem discípulos. E há um só cortador, um só merceiro, um só negociante de fazendas. Sô os chefes de estado — ao contrário do que sucede em todos os outros países — são dois, e com possibilidades de se alargar o quadro. Aviso ao sr. dr. Bernardino Machado.

Pois foi contra os sindicos que a revolução estalou, tendo-se dividido o exército — afirmam os telegramas — insubordinando-se metade, e ficando fiel a outra metade. Ora o exército de Andorra é constituído... por 25 homens. Não se riam. Se Portugal, com seis milhões de habitantes, possui um exército de trinta mil homens em tempo de paz, Andorra, com cinco mil almas, deve ter vinte-e-cinco soldados. Está na proporção.

Não é fácil partir vinte-e-cinco homens ao meio. Mas é natural que

Os "Lusíadas" ilustrados

VIII

ALFREDO CUNHA, DA RAZA



...aquele que sempre a mocidade Tem no rosto perpétua...

Canto 2.º - X.

tenham passado doze soldados para um lado, doze para o outro, e o militar restante se conserve neutral. Ainda se não romperam as hostilidades. Os dois temerosos corpos de exército observam-se, parece que mutuamente receosos. Mas no dia em que vierem a vias de facto, deve ser pavoroso o recontro. Abaladas pelo fragor da batalha, as ravinas pirenaicas vibrarão de angústia. Já os grandes periódicos mundiais se apressam a enviar para lá os seus melhores correspondentes. Tôdas as nações europeias mandaram os seus adidos militares. E as Bôlsas de Paris e Londres estão dispostas a fechar, com receio de que a peseta andorrana acompanhe a libra e o dólar na sua descida vertiginosa, — o que seria o golpe de misericórdia no capitalismo europeu.

Dos dois únicos oficiais do exército de Andorra, acaba de ser demitido um: o que comanda os rebeldes. Ficou o outro, que nada em ventura por ver que coisa alguma o impede de ser rapidamente promovido a general. Adiante de si, nem viv'alma. Atrás de si, tudo deserto. Ninguém que o empurre, nem precisão de empurrar ninguém. Uma ordem do exército por dia, e ei-lo no generalato em menos de uma semana. E até, se a autoridade do bispo de Urgel fôr sacudida, é natural que lhe seja entregue o govêrno da diocese, dada a circunstância de terem fugido os dois únicos sacerdotes, diante da revolução.

Admirável país, mesmo quando se insubordina!

Afinal, para que foi feita a revolução?

Para obterem o sufrágio universal, homens e mulheres.

Já viram nada mais disparatado? Que diabo lucraram, êles e elas, com o voto? Porque, em última análise, o direito de votar é um direito sagrado, mas do qual pouca gente faz uso... em vida. Depois da morte é que ninguém falta. As únicas mesas a cuja chamada os mortos nunca faltam — mais que às dos espiritistas — são as mesas eleitorais.

Marcial Jordão.

Balancete da semana

Gandhi pode dizer, quando se nota que os projectos ingleses se transtornam, que aquela criança da anedota:
 — «Agüenta-te, João, que eles lá tornam!»
 E', volta meia volta,
 preso e logo metido na cadeia.
 E o demo é que o govêrno só o solta quando lembra um pavio de candeia.
 Porque o mahtma, entrando na prisão, começa a jejuar.
 Nunca mais come bife, nem leitão, *foie-gras* ou caviar.
 Papas de leite simplesmente. E até, se a mulher o visita,
 põe-na logo na rua por seu pé, porque, estando a jejum, não vai na fita.
 Lá torna êle agora p'ra a cadeia.
 Fica a espôsa sòzinha no seu lar.

.....
 Há noites hibernais, de lua cheia,
 em que não brilha um raio de luar!

*
 Tôda a gente se queixa do calor,
 da intermína estiagem:
 dias do tal mormaço arrasador,
 noites cruéis sem a menor aragem.
 — «Seca tudo! — conclama a agricultura. —
 Todos os frutos a estiagem come.
 Podia ser um ano de fartura,
 e vai sê-lo de fome!»
 Eu quedo-me indif'rente
 perante estes queixumes da layoura.
 Por mais que a terra seja criadora,
 nem arrefece nem aquece a gente.
 Há muito milho, e muito trigo? O pão
 continua mantendo o mesmo preço.
 Há pouco? Vem da Rússia ou do Japão,
 e paga-se no fecho do verão
 pelo mesmo dinheiro do comêço.
 E o bom consumidor, cujo apresigio
 tem sempre o mesmo custo, vive em paz,
 e murmura consigo:
 — «Secou o milho e o trigo?
 No que me toca, não vejo perigo.
 Deus bem sabe o que faz».

*
 E' um factu, porém,
 que lá por cima a coisa não vai bem.
 Ora chuva a granel,
 ora vento e granizo,
 ora um frio cruel,
 ora um calor de se perder o juízo.
 Dir-se-ia que o bom Deus adormeceu
 no leito azul do céu,
 e tomou conta do poder celeste,
 por direito de herança ou de conquista,
 um diabo de alma rispida e agreste,
 ou um anjo nacional-sindicalista...

Turiddu.

Há dias, o *Diário de Noticias*, inseria um reclamo, escrito e assinado pelo sr. dr. João Dantas, exalçando os produtos Nally.
 Os quais produtos consistem, como se sabe em perfumarias, pomadas para a pele, cosméticos para o cabelo, *rouge* para os lábios, *rimmas* para as pestanas, etc.
 Consta-nos que o sr. Dantas vai alargar o seu estudo sobre os preparados Nally e recitá-lo, em noite próxima, no velho casarão do duque de Lafões.
 Por seu lado, o secretário geral sr. Joaquim Leitão falará em particular sobre os produtos Coty e Benamor, sem esquecer os vários preparados Marya (com y grego).
 ...E a Academia das Ciências passará a chamar-se Academia Científica... de Belem.

Na risonha vila de Paredes, mercê da prolongada estiagem, está faltando a água, como de resto, em muitas localidades do país.
 Vêem-se em pancas os moradores, para se lavarem e matarem a sede. E vê-se em serias dificuldades a fábrica geradora de electricidade, que, pelos modos, é uma dipsômana de respeito e só trabalha abundantemente regada.
 Sucede por vezes que a água lhe falta, forçando-a a suspender o giro do dinamo. E então a fábrica emite um silvo prolongado, que é um aviso às avessas do antigo aviso lisboeta quando despejavam dos terceiros andares líquidos para a rua. Lá dizia-se: «Água vai!» O apito da geradora de Paredes significa: «Água não vem!» E implicitamente: «Acendam as velinhas e candieiros, que vão ficar esta noite sem luz».
 Acontece, porém, com frequência que a preciosa linfa surge quando menos se esperava. E a máquina volta a soltar um apito, que se traduz da seguinte maneira: «Água tornou, podem apagar as lamparinas».
 De aí a meia hora, terceiro apito a comunicar que a água desapareceu de novo; e dentro de dez minutos, quarto apito a participar que voltou.
 Chega-se por esta forma à conclusão de que os apitos ímpares são altamente inquietadores, e os pares profundamente tranqüilizadores.
 Mas não seria melhor, para sossêgo dos paredenses, que a fábrica, quando pusesse o silvo a funcionar, soltasse apenas o segundo, o quarto, o sexto e o oitavo apitos?
 A não ser que os apitos ímpares sejam como o sinal de perigo a bordo dos transatlânticos: rebate falso para experiência do público. Porque a verdade é que, desde que conhecemos Paredes — e estando sempre de ouvido atento aos apitos da fábrica — já gastámos uma grossa de caixas de fósforos, dez pacotes de estearina, mas a luz eléctrica ainda não faltou.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inxcedível

AUX GALERIES LAFAYETTE

PROJECCOES DE BRAGA

Prado em festa — Mergulhos de toda a espécie — Principios de peruas sem perus à vista — As bóias do Alberto Real

As quatro e meia, que por sinal eram 4^h.45 tarde, do dia 30 de Julho findo, seguem para Prado quatro camionetes apinhadas de gente de todas as idades, tamanhos e condições sociais, de um sexo único apenas.

Era a excursão promovida pelo Mário Queiroz, encantadora terra que o viu nascer. Ir ao Prado e não ver o Queiroz é o mesmo que... o mesmo não.

Volta-se a Braga com a certeza de o encontrar na Brasileira.

Antes da partida, e ainda durante o processo: alegria ruidosa, ansiedade crescente. Fazem-se vaticínios, e o A. Real chega a manifestar desejos de partir de anjinho. Alguém lhe observa que seria ir num esboço apenas próprio para o regresso.

Desembarque. Recepção comovente puxada música e foguetório de várias procedências. Damas e cavalheiros pradenses em toilettes gala, que é como quem diz, perfeitamente à vontade.

Prado saúda Braga.

Enxergam-se, no ancoradouro, vasos de terra vistosamente engalanados; contra-torções, avisos, submarinos, couraçados; peixes, canhões e peixões, numa atitude encantadora, recebem carinhosamente os frigidíssimos fregueses.

Sessão solene inaugural.

Sua Ex.^a agradece sensibilizado as manifestações de que foram alvo os turistas, exaltando as belas qualidades de ambas as partes. Forma que se não trata dum grupo de «papões» estilizados, mas sim de gente da fixe, sangue encarnado que aprecia o verde.

Em aparte o Queiroz segreda à sôpa que fica mais próxima — Vai lá ver se o vinho está em lugar fresco.

Nada de protocolos, nada de exquisites, nada de ademanos, nada do que caracteriza as sociedades elegantes turisticamente falando.

E já que trouxe tanto nada à superfície, aproveita o ensejo para apresentar à população do Prado os mais afamados nadadores do País; habitantes da encantadora vila terão ocasião de ver os mais arriscados exercicios debaixo d'água.

Natações de mergulho e a pé junto, de barriga para cima e barriga para baixo; de esgueta, a fundo e de paraíso; de corda bamba e trampolim.

Observa que por entrar o trampolim não significa que haja trampolinice.

Foi entusiasticamente ovacionado por todos, em excepção da banda musical, que manifestou seu agrado com sete pancadas de bombo sem sair fora e quatro gaitadas delirantes.

Entra seguidamente no uso da palavra o orador Abilio Brandão.

Entrou no uso da palavra sem falar porque o arido à sede tem a lingua colada ao palatino; previdente como é, distribuiu uma saudação ao verso.

Transcrevemos duas quadras:

*Foi com prazer bem profundo
Que viemos, todos nós,
A' melhor praia do mundo,
Como dizia o Queiroz.*

*No rio de mansas águas,
De tão mimosas areias,
Afogamos nossas máguas,
Refrescamos as ideias!*

Refrescar as ideias, naquela altura, era como quem diz: — Queiroz, tenho as guelras secas.

A' voz de — avança — o cortejo triunfal segue com rumo ao Cávado; e chegado ao areal, após um minuto de indecisão o Mário Queiroz convida a «posar» frente à objectiva.

Balbúrdia geral; todos pretendem ficar na fotografia o melhor possível.

Uma... duas... Alto!!!

Falta gente.

Ei-los os que faltavam surgindo das barracas, em fato de banho. Dum lance, mergulham a todo o pano, mas na areia, a tomar posições.

Novamente confusão. O Maragoto, com receio de escapar, coloca-se de cócoras, enquanto mais além o Raúl Guimarães, pelo mesmo motivo, procura a posição de gatinhas.

Segue-se o banho que tanto pode ser geral como simplesmente semi-cúpio; perfeitamente à vontade do freguês.

Os nadadores dispõem-se a tomar de assalto as respectivas barracas, mas, o Queiroz, sempre alerta, bate palmas: Atenção!!!

— Aquelles que tenham comido há pouco que se lavem em casa. Nada de brincadeiras. As congestões estão em voga e os entêrros caríssimos.

O Real não se conteve: — Você estragou-me o negócio e talvez se arrependa?!...

Daí a momentos Real e Baptista Ribeiro palestram em confidência. Com certeza não sei coisa boa...

Formam-se grupos; junta-se povo de todos os sexos e mais um; fazem-se distinções.

Uns conversam em ruidoso e alegre convívio, outros entretem a debilidade num improvisado «bufet» enquanto ainda outros jogam com denodado interesse a bisca lambida.

Pouco a pouco o rio cobre-se de ousados banhistas.

Nadam como besugos.

As ninfas fogem envergonhadas ante tanta beleza em coiro cabeludo.

Niveos corpos esculturais, plásticas de bailarina espanhola, rio acima, idem abaixo, fascinam a mocidade feminina de mais platona índole.

Neptuno, altamente representado na Realíssima monstruosidade do Alberto.

Repentinamente desaparece água abaixo e o Queiroz em visíveis ansias pergunta a si mesmo como será possível arrancar ao rio tão paquidérmico encanto.

Nada de sustos; já voltou à superfície, largando água por todos os respiradouros.

Sua Alteza explica que tinha ido ao fundo por causa duma sercia. Era exímio na arte do

mergulho a toda a hora; e de resto... as bóias de salvação eram seguras.

Por uma foto tirada à transparência, reconheceu-se que, de facto, o Real dispõe de bóias para se agüentar sem receio.

Hora de jantar; hora há muito esperada; a melhor horinha do passeio.

Limpam-se os dentes, experimentam-se os maxilares, desapertam-se os cintos.

A postos. Surge o «menu» simples, mas à prova de resistência, genuinamente português, isento de franceses.

Nada de perus, para evitar as fêmeas — as peruas.

Louça, de barro de Prado de 1.^a, autenticamente regional.

Estes turistas eram assim mesmo. Nada se assemelham aos que gostam das coisas em louça das Caldas.

Avizinha-se a noite e principia a iluminação. Balões à veneziana, grisetes à portuguesa e tijelinhas do verde de Prado, despedem ondas de luz tanto para a praia como nos espiritos.

Baptista Ribeiro, inspirando-se nos resíduos do falecido Berço do Salvador, inicia a dança do Rei David acompanhado do Garcia do Peninsular.

Criados e criadas com o Manuel Barbosa e o Baptista armador dão principio à primeira série de bailados clássicos.

Garcia e Real disputam o Marozinho qual deles o mais apaixonadamente.

Sã e Peixoto procuram as sopas para a dança do ventre.

Junto ao Álvaro Fiocchi e Maragoto a iluminação é surpreendente; 51 tijelas do verde refrescador das ideias.

O Baptista Ribeiro tenta por três vezes deitar faladuria sem o conseguir. Desgostoso, organiza a marcha milanesa seguido pelo Garcia e pelo Martins da Farmácia.

A música é completamente substituída e os excursionistas agarram à unha o instrumento que lhe fica mais próximo.

O pessoal cozinheiro prepara o carro triunfo onde se instalam comodamente refestelados os Srs.: Mário Queiroz e Dr. José Leão.

O mestre da banda aparece encavalitado em dois criados, enquanto outros procuram o guindaste que há de elevar o Real às mais altas culminâncias.

Meia noite. Toca a reunir. Chegada a Braga para tomar o café na Brasileira.

Baptista Ribeiro, depois de muito instar, conseguiu fazer o discurso.

Estrondosos aplausos à mistura com gases de pressão verdial.

Tudo correu às mil maravilhas. O Queiroz foi um grande organizador, tudo preparou, a tudo atendeu; tratou da camionagem, das ornamentações, da música, do jantar, do banho, etc.

Tudo conseguiu sem ser necessário fazer como nas sociedades elegantes — dividir-se e multiplicar-se.

Também tratou do pessoal mas não o vestiu. Isso é uma função que nem a todos serve, felizmente.

Segunda-feira, dia 31, na hora do café, a Brasileira à cunha.

Entra o Real, bate palmas, pede em alta voz: Atenção!!!

— Meus Senhores: O café da Brasileira é muito forte e o calor é intenso. Recomendamos que não façam uso dele, porque já alguns fregueses da casa trazem uma diarreia levada dum milhão de diabos.

Estava vingado.

Reporters Unidos.

calçado de fama

Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

Prometi-lhes, há tempo, contar mais algumas madurezas do meu amigo Pigmaleão. Sabe-se que prometer é dever, e eu, embora a S. D. N. esteja sempre a pregar — «o dever acima de tudo» — e a U. S. A. gorgoleje constantemente — «quem me deve, pague-me, mesmo que não pague aos outros» — como ia dizendo, não gosto de ficar a dever nada a ninguém. E quando não pago, é porque não tenho dinheiro. Vão lá obrigar um camarada a pagar *catsquer* coisa sem ter a matéria-prima! Eu prometo sempre pagar... mas *cando... cando llega!* — como dizia o espanhol.

No caso presente, a matéria-prima vai-se arranjar, com mais ou menos mólho.

O meu amigo Pigmaleão detesta o vinho... a grande distância. E, como tal, faz todo o possível por acabar-lhe com a raça. Mas é o acabou...

Pois o figurão, no desempenho da heróica missão que o Destino lhe confiou, fêz-se... Ora adivinhem lá!

Nada menos que provador de vinhos! Provador, sim, senhores! Não boquiabram os olhos de espanto...

Um belo dia, o Pigmaleão foi convidado a ir a uma terreola qualquer fazer provas. Pelo caminho, foi pensando qual das provas lhe conviria. A dos nove, é vulgaríssima e já muito abandalhada; mas êle receava fazer fiasco, por causa do sistema decimal. A prova dos onze não lhe agradava, por embirrar com o número. Sempre são dois pauzinhos... Inclinou-se deliberadamente pela prova real, que mete mais tropa e tem coroa.

Quando chegou à primeira adega, logo uma dificuldade surgiu.

Apresentaram-lhe um cálice para a prova.

— Não; isso é pequeno demais...

— Então, um copito...

— Também é pequeno.

— E um litro?

(O Pigmaleão estava aos quartilhos e às canadas).

— Não faço ideia...

— E um decalitro?

— Sim, êsse deve servir...

E o Pigmaleão começou a tirar as *provas*. A' noite regressou à cidade com a *contabilidade* toda baralhada.

E era cada zigue-zague pelas *colunas* do *contas-correntes*, cada *encontrão* pelas *capas* do *livro*, que até fazia tremer as *estrélas*.

E êle, muito desconsolado, comentava:

— Que pena!... Uma terra tão bonita!...

Mas que mania, construírem os prédios no meio das ruas!...

Bisnau.

IMPRENSA

“Comércio dos Açores”

A este ilustre colega agradecemos penhorados as palavras elogiosas com que se dignou falar do nosso director José de Artimanha.

“A Gazeta”

Esta revista, que igualmente vê a luz da publicidade nos Açores, referindo-se à passagem do nosso primeiro aniversário, fê-lo com frases amigas e de louvor. Muito obrigados.

Alberto Henriques da Silva — Se soubesse o que se passa para dizer alguma coisa! A bon entendedor...

Lérias — São 25 peças. Pode mandar a que quiser. Lamentamos sinceramente a doença que o atacou e fazemos votos para um restabelecimento rápido e completo. Sempre amigos. Palavra de honra que chegamos a pensar numa deserção.

Ze Livro — Não vale desanimar. As duas crónicas sairão juntas talvez já neste número. Mas se não, no próximo sem falta.

A Ventura — Sempre gratos pelas amabilidades dispensadas. E' que nós não temos tempo para espiohar. E êle há tanto pioho por essas folhas de couve! Outra vez obrigado.

Ho-Rei Artur — A coisa do Bota Fogo ao Boavista, não podemos publicar. São assuntos muito melindrosos e vão bulir muito de perto com um nosso colega da especialidade. Tenha paciência e mande outras coisas.

Mil Reis — Bem sabe que nós agradecemos sempre as boas palavras; mas mais ainda as boas colaborações. E as suas são dessas, sem favor. Temos saudades das cartas do Mondego, e ficamos aguardando Outubro com impaciência. Entretanto, damos-lhe os parabéns pela libertação.

Uma quadra

São os homens p'ras mulheres
Como os vinhos licorosos,
Em velhos é que são bons,
Por serem mais generosos.

Dr. Profeto.

FOLHETIM DA «MARIA RITA»

N.º 1

EUGÉNIO SUA E EMICA

O Mistério da Rua de Entreparedes

Grande romance concentrado. Histórico, pre-histórico, futurista e de adivinhação

PRIMEIRA PARTE

A Casa Misteriosa

A Rua de Entreparedes, nesta compacta e um tanto escura cidade do Pôrto, é aquela extensa avenida que vai da Praça da Batalha à entrada das ruas de S. Lázaro e do Campinho, quem sabe se a estas horas já com outros nomes.

(Esta história foi escrita há que tempos, e os nomes das ruas são mais instáveis do que as modas de Paris.)

Dum extremo não se lhe vê o outro, não tanto por efeito do comprimento como por causa dum airoso cotovêlo que tem ao meio. A origem do nome perde-se na noite confusa dos tempos, mas o Sr. Dr. Magalhães Bastos tomou a peito a solução desse problema histórico, do maior interesse para a douta Associação dos Arqueólogos Portugueses e para a prestimosa secção pedagógica da Cooperativa dos Pedreiros Portugueses, ambas intrigadíssimas com tal nome, privilégio duma única rua, quando todas as ruas estão entre paredes.

Os ignominiosos privilégios do passado, que esta alta hora de *subelização* (estilo «Reiseros de Miramar») não conseguiu ainda extinguir! Ora é certo que outrora havia ali um muro, à esquerda de quem entra pelo lado da Batalha.

E provavelmente, em tempos mais remotos ainda, haveria outro do outro lado (o Sr. Dr. Magalhães Bastos averiguará) e a falta de casas daria ao a dar-se tão apropriado nome a uma rua que só tinha uma parede de cada lado.

Mas as casas foram-se erguendo. Cada século viu erguer umas tantas. E a última acabou com as paredes patronímicas da rua, e foi a origem remota desta conturbante história.

Mas não fique sem registro que foi aquele o momento propício para mais uma mudança de nome no rotiro da cidade do Pôrto. E aqui era de toda a justiça dar-se-lhe o nome de rua do Alberto Ferreira, consagrando o mais fixe morador daqueles sitios; ou de rua do Pinga, o grande az do Foot-Ball Club do Pôrto, igualmente ali estabelecido; ou da Nova Rainha, visto que lá mora uma das célebres e simpaticíssimas rainhas das costureiras do Pôrto.

Enfim, consagrar celebridades ou simples cidadãos benquistos, sempre é bem mais meritório do que referir paredes, mormente paredes que desapareceram! E o progresso e modernismo da nossa cidade devem andar assim descurados e esquecidos?! Não pode ser!

Mas foi, repetimos, no desaparecimento da última parede — uma parede mural, como eficientemente afirmaria o Sr. Américo Cardoso — que o autor descobriu a origem da sua narrativa.

la fazer-se a última casa e completar-se a urbanização integral da Rua de Entreparedes. Aparelhou-se e assentou-se a alvenaria; puseram-se os travejamentos e os soalhos (o Padre António Vieira, quanto te está devendo o meu estilo!); guarneceram-se as janelas e portas com seus caixilhos e portadas, suas vidracas e gradamentos, e portões, e tudo, enfim, para a tapar bem, para a vedar aos olhos *estranhos ao serviço*.

E ficou misteriosa, esfingica, solene (e um tanto engraçadinha por fora, lá isso é verdade) à espera do *abrete, Sesamo*, da instrutiva história do Ali-Babá.

Até que um dia...

Até que um dia aparecem aquelas janelas revestidas de colgaduras, e tudo aquilo lá por dentro enfeitado com plantas, com legendas, com passadeiras, tapetes, mais colgaduras, etc.

Que era? Que era?

Era a recepção à Grande Visita, era a Festa da Inauguração!

Enfim! la abrir ao publico a mansão do instituto cujo nome brilhava lá no alto em letras metálicas:

ENCRENCAS FORMAIS

A inauguração da nossa casinha! Trabalhar na nossa casinha! Gozar o povo a sua casinha! Que consolo!

Mas oh decepção cruel!

Acabou a festa, fecham-se de novo janelas e portões, voltou o silêncio, a mudez, a pasmadeira, o desconhecido!

E passaram-se semanas; e passaram-se meses. Parece que tem passado séculos!

Começam as humidades e os musgos a manchar aquelas pedras. Teias de aranha por toda a parte. Só falta

a hera

Pela parede a subir!

Que será lá dentro?
Nasceu o mistério!

(Continua).

DESCANSO SEMANAL

Manta farrapona

Daquele maluco de Lisboa, que dá pelo nome de S. M. Sereto — Rua do Arco do Bandeira (se calhar até o nome está errado) recebemos quasi semanalmente um impresso anunciador. Se V. Ex.^{sa} se derem ao incómodo de folhear a colecção da MARIA RITA, já encontram dois dèsses impressos incognitáveis e tudo.

São um mimo! O que ontem recebemos, então, traz uma quadra que é uma perfeição de estupidez.

Ele aí vai:

Atenção!!!

Grande atracção de Novidades e Sal-dos de artigos de utilidades no **Sempre Sai por 1500**, rifados no Bazar das Rodinhas da Fortuna, na Cantina de S. José (ao lado do Teatro Avenida) a favor da Assistencia, com permanencia diária das 21 às 24 e domingos das 3 horas da tarde. A valorisação de premios por 3 e 6 brindes regeitados.

N. B. — Todas as casas de Beneficencia que nos mandarem 1.000 envelopes timbrados, damos uma semana, de 2.ª feira a sabado, 10 0/0.

Troca 20.000 brindes

por brinquedos Yú-Yós, tira chapéus, lima de unhas, abotoadores de botas, sabonetes, frascinhos de agua de Colonia, caixas de Pomada e de Pó de Arroz, candieiros, centros e galheteiros de vidro, Surprezas, piões, Rapas, pulseiras, figas, pás, baldes, sachos e martelos.

A Criança disputa o sorriso
Louquinha de imaginação
Pede aos pais, tios, primos e avós
Um Escudo em bem desta intenção.

No fim de tudo isto a única coisa que se compreende bem é que o homeminho está maluco, coitado!...

Na mesma cidade há também estabelecida uma casa de cereais, legumes e batatas, na Rua dos Caminhos de Ferro, 28, que dá pelo interessantissimo chamadouro de

Morais 4. a Palhares

E nós quedamo-nos a pensar que se os Moraes são logo quatro, quantos serão os Palhares?!

Recortamos do *Janeiro*, a noticia abaixo, que se refere igualmente a um caso lisboeta

Crime grave

Foi detido, e recolheu incomunicavel ao Toren Antonio de Magalhães, de 80 anos, acusado de um crime grave.

E ainda se fala por aí no depauperamento da raça!

Curioso e pittoresco edital

A titulo de curiosidade, publicamos o seguinte edital, extrahido de um jornal que, em 1804, se editava em Joazeiro, Estado da Bahia.

«Eu, Antonio de Noronha Pires Franco, fiscal desta comarca, faço saber aos poros desta minha vara que no dia 16 do andante sahirei em triumpho de correcção aferindo as varas e os pesos.

— Quem tiver buracas e regos, que tragam-nos tapados, sob pena de multa.

— Fica prohibido a todos os animaes da ordem das cabras roerem na vizinhança.

— Todo individuo da raça canina que andar na rua sem coleira, bola nelle, ainda mesmo que seja coronel da Guarda Nacional.

— Negra de noite toda se requebrando, uma duzia de bolos, cabeça rapada e multa no senhor, porque não quero desaforos cá nos nossos bairros.

— Cantador de modinhas desafinadas tarde da noite, multa.

— Portuquez, de noite, e braço dado com negra e fabrica de moleques malcreados, cadeia nos dois, um em cada xadrez por via das duvidas.

— Boi ou vacca deitados sem lanternas nos chifres, de modo que os viandantes não os vejam de longe, — curral do conselho e multa no dono.

E para que não digam que não sabiam, mando fixar este edital e mais outro na porta da frente e atrás do boticario, que é logar onde se fala da vida alheia.

Aquele maduro que é correspondente de *O Janeiro* em Aves, Santo Tirso, nasceu jornalista como o Damiano de Cacia. Também poderia ter nascido padeiro ou trolha; mas não: Nasceu jornalista e com certos laivos de poeta. Calculem que o homem, além de ser correspondente de varios jornais diários, hebdomadários ou

sealhários, deu-lhe na rea Iveneta para escrever um poema em verso, que anda a publicar aos fasciculos na *Cruzada*, jornal que em Braga vê a luz da publicidade. Vamos transcrever quatro quadras que interessam extraordinariamente ao progresso nacional:

(Continuação)

*De ferro uma vontade fez a obra;
Pai dela foi o Padre Guimarães
No qual o seu querer jámais se dobra,
Deu exemplos a filhos pais e mães*

*Que, vendo isto, o seu valor mais cobra
Em empreendimentos tais e quais.
Aos vindouros mostrou que o querer
Se transforma de pressa no poder.*

*Muitos ventos correram de revés;
Mas tudo ele venceu, canta victoria;
E apesar de remar contra as mares
Louros colheu e disso tem a glória!*

*Piloto destemido, no convés
A nau ele comanda sem vangloria.
Com os olhos bem fixos só no céu
Bem conseguiu vencer o escaerça!*

Joaquim Moreira.

E ainda havemos de dar mais coisas dèste esforçado campeão dos pesados.

As mais lindas quadras

*Menina, não se namore
D'um homem que não tem leças,
Vale-lhe mais ir pra casa
Pôr fundilhos em cuecas...*

*Chamaste-me trigueirinho
Quando viste meu retrato:
Deu-me essa cor minha mãe
Porque casou e' um mulato...*

*Eu não quero mais amay,
Tenho medo de mim mesmo,
Eu não quero que a mulher
Fique feita n'um torresmo...*

*Quem me dera agora ver
O que me surgiu à mente:
Um garrafão empalhado,
Com dez litros d'aguardente!*

José Alves.

Para Pintar paredes Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Todo o Pôrto sabe que a vila de Espinho, peço perdão, a cidade de Espinho, é nestes tempos calmosos que vamos atravessando um dos refrigérios mais saudáveis que há nas nossas costas, salvo seja.

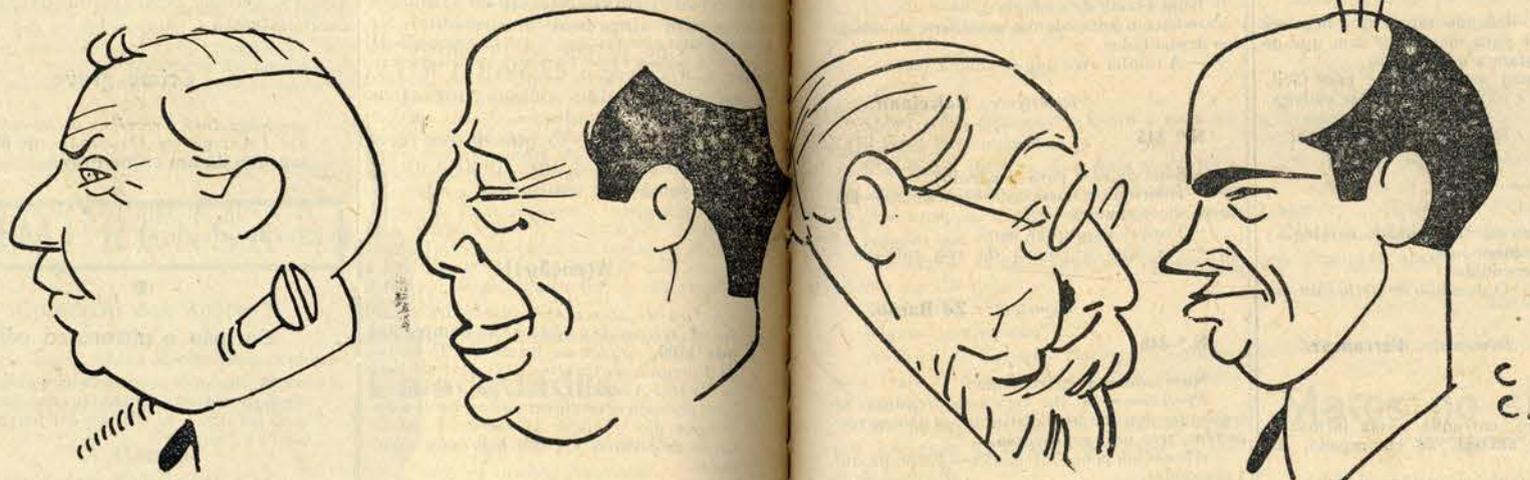
Espinho tem tudo. Tem o combóio ali a atravessar quâsi a velha Assembleia ou o novo Casino, tem uma ponte em forma de escadote que deu brado na exposição de Paris de 1900 e fêz a inveja do *Eifel*. Tem Quintas e Quintas pela avenida acima, e tem um mar tão comilão como o Morais da C. M. F.

Além disso Espinho é a capital do jôgo. Nesta terra tudo joga. As raparigas e os rapazes jogam as escondidas na praia; e no fim da época sempre há um ou outro que tem de jogar a *pedida*. As mamãs jogam a *cabra-cega*, que é muito cómodo para as filhas fazerem o que lhes apetece. As velhotas que vão à igreja todos os dias fazem o jôgo do sr. Abade. E aquelas senhoras respeitáveis que tôdas as noites se sentam nas cadeiras à porta do Chinês fazem um jôgo de bôca que é



Jôgo franco e cartas na mesa

Espinho ao naval—Os mortos falam—Alguns dos importantes



uma consolação. A roleta em Espinho é quem manda. Pois se até os camaristas de antanho foram buscar aos seus 36 quadrados o nome das suas ruas. Há cavalheiro lá que, mudando de rua todos os anos, nunca saiu da terceira dúzia..

A vida em Espinho

Espinho actualmente vive a sua hora maior. Chega gente de tôda a parte e por todos os processos. Pelo mar, pela terra e pelo ar. Tem carreiras de combóios, de aviões, de camionetes e carreira de tiro.

As mais lindas caras portuguesas alberga-as Espinho este ano debaixo da horrível máscara iodada que tôdas usam graças ao pretificar da moda.

Nas avenidas, na praia, nos *bars*, faz-se uma vida intensa, borboleteante, dinâmica; cruzam-se sorrisos, cruzam-se olhares, e cruzam-se as pernas em atitudes fantásticas.

Mas onde a vida alcança o auge, o *súper*, é no casino. A-pesar-dos



arrendatários serem umas criaturas *encrespadissimas*, são tão boas pessoas que tôdas as tardes e tôdas as noites vêem transbordar os seus salões.

O que se faz no Casino

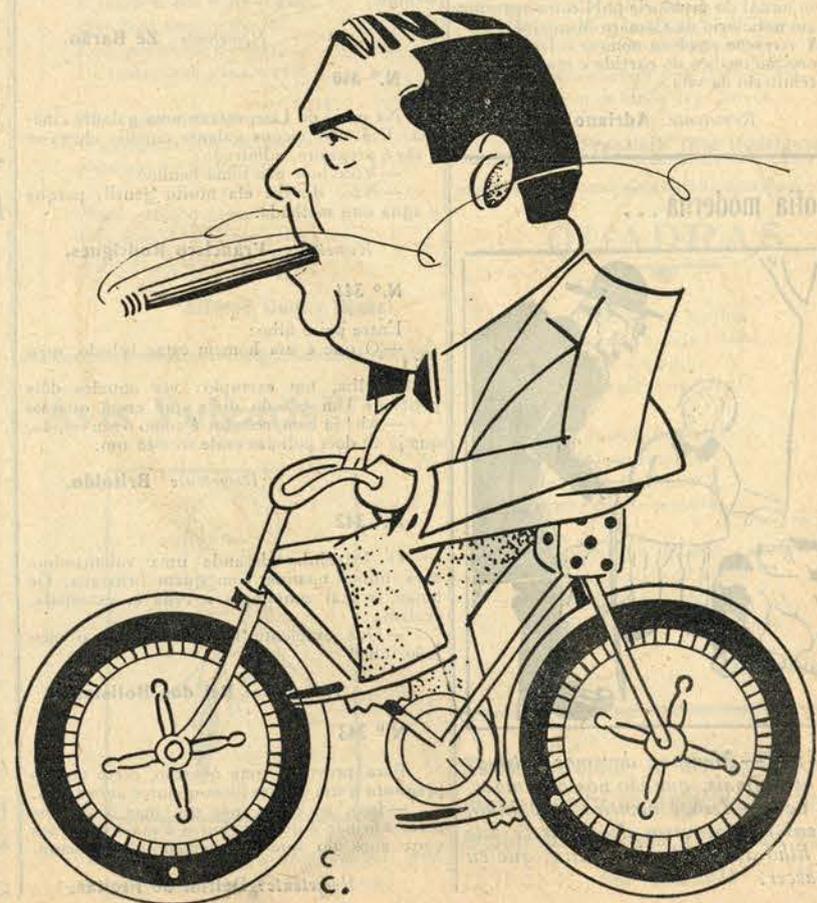
Toca-se, dança-se, flirteia-se, canta-se e joga-se. Faz de tudo menos batota, a-pesar-de tôda a gente dizer cá fora: «*queres vir até à batota?*» E aquela gente tôda que rodicia as mesas tem as suas preferências. Uma miúdita, muito viva e galante, que está sempre na cabeceira da roleta, tem uma fé no 16, que já levou três homens à ruína.

E aquela madama gorda, que aponta no 23 e no 36, deve ter em casa uma colecção bonita de notas de quinhentos.

Quanto ao velhote que morde na ponta do charuto quando sai o maior nos dados, êsse mandou encadernar um livro de apontamentos com 350 páginas absolutamente recheadas de risquinhos indicadores das vezes que o maior e o menor teem saído de há meio século para cá.

Como se dança

Quanto mais chegadinho, melhor.



E se calhar ser uma *rumba*, há menina que chega a casa completamente *arrumbada*.

O maestro, que é uma criatura da nossa maior estima em si, prometeu fazer uma música especial aproveitando os apitos do combóio para o compasso. Também prometeu tocar tôdas as noites o *one-step* MARIA RITA. Oxalá que não se esqueça.

Constou-nos que o engenheiro Brito, há dias, dançou com duas senhoras ao mesmo tempo. Quem no-lo disse não pôde assegurar-nos se eram duas ou se era só uma muito grande.

Tinhamos também um feixe de notícias sôbre as pessoas que estão actualmente em Espinho, que faria inveja ao César Raio, o homem dos cabelos grandes e das ideias curtas. Mas isso fica para a outra vez, acompanhado de vários perfis femininos que o Cruz Caldas foi tirar à praia de Espinho.

*

As veras efígies que aqui apresentamos, são tão conhecidas em Espinho como o Jacinto Vaz. Dispensam, portanto, qualquer legenda. Quem os conhecer... que os compre.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 66 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 325

N.º 333

A *freguesa* — Como é que o senhor vende este queijo?
O *caixeiro* (distráido) — Eu próprio me admiro muitas vezes, minha senhora!

Remetente: **Lérias.**

N.º 334

Entre um cristão e um judeu:
— O senhor não tem vergonha, nem teme o castigo de Deus, emprestando dinheiro com o juro de 9 0/0? Não sabe que Deus vê tudo?
— Ora adeus, meu amigo, respondeu o usurário. Olhe que Deus, olhando lá de cima, vê o 9 de pernas para o ar e parece-lhe um 6. Por isso, não reponta, e eu vou fazendo o meu negócio...

Remetente: **Alick.**

N.º 335

Na praça do peixe:
— Pedaço de peixe:
— Sim, senhor. Mas veja-lhe a cor...
— Pudera! O peixe até ficou corado por voê pedir tanto dinheiro por êle.

Remetente: **A. H. da Silva.**

N.º 336

Um jornal da província publicou o seguinte aviso, no noticiário da Câmara Municipal:
«A vereação resolveu nomear o Dr. Sabino da Conceição médico do partido e mandar alargar o cemitério da vila.»

Remetente: **Adriano X. Nel.**

Filosofia moderna...



O avô — Menino, devemos estimar todos os animais, que são nossos irmãos.

O neto — Isso é mentira, avôzinho. Os meus irmãos veem de Paris, e este cão é filho da cadela do caseiro, que eu vi-o nascer.

N.º 337

Num baile:
Ele — Tenho dançado tanto, que nem sei como hei-de fazer para me retirar sem que os donos da casa sintam a minha falta.
Ela — Oh, meu amigo, isso é bem fácil. Pega no chapéu e na bengala e vai-se embora.

Remetente: **Ambrósio.**

N.º 338

No tribunal:
— O réu confessa ter roubado o relógio?
— Confesso, senhor juiz.
— E está arrependido?
— MUITÍSSIMO. O demónio do grilo saiu-me de pechisbeque.

Remetente: **Ferrabraz.**

N.º 339

Um brasileiro, entrando numa farmácia, dirige-se, muito amável, ao empregado, da seguinte forma:
— Mi dá, faz favô, uma purga di bico?
O empregado, muito intrigado, sem o compreender:
— Que deseja?
— Uma purga di bico, mi faz favô.
— Não sei o que é.
— Homem di Deus! Purga di bico é uma siringa.

Remetente: **Zé Barão.**

N.º 340

Na praia da Luz, estava uma galante ciné-fila. Um não menos galante cinéfilo chega-se a ela e pergunta, admirado:
— Você hoje não toma banho?
— Não, diz-lhe ela muito gentil, porque a água está molhada.

Remetente: **Francisco Rodrigues.**

N.º 341

Entre pai e filho:
— O que é um homem estar bêbedo, meu pai?
— Olha, um exemplo: vêes aqueles dois policias? Um bêbedo diria que eram quatro.
— Ah! já compreendo; é como o seu estado, que já vê dois policias onde só está um.

Remetente: **Britoldo.**

N.º 342

O Joãozinho desanda uma valentíssima sova numa menina com quem brincava. De longe, a mãe contempla a cena e, extasiada, exclama:
— Que excelente marido vai dar o meu Joãozinho!

Remetente: **Rei dos Bolistas.**

N.º 343

Para provocar uma questão, certo novato pergunta a um sujeito idoso quantos anos tinha.
— Isso, ao certo, não sei, mas o que lhe posso afirmar é que um burro é mais velho aos vinte anos do que um homem aos sessenta.

Remetente: **Delfim de Freitas.**

N.º 344

Num exame de zoologia:
— Cite o nome de um mamífero, da ordem dos desdentados.
— A minha avó, que se chama Joana.

Remetente: **Nalcefanir.**

N.º 345

A dona da casa para o marido:
— Henrique, a nossa cozinheira scrá parenta da que despedimos?
— Porque perguntas isso?
— Por que o polícia da rua também é primo dela!...

Remetente: **Zé Barão.**

N.º 346

Num exame de astronomia:
Professor — Só lhe faço uma pergunta; se responder deu-lhe uma distinção; se não me responder, terá uma reprovação.
Aluno (um pouco intrigado) — Estou pronto a responder.
Professor — Bem, diga-me quantas estrélas há no céu.
Aluno (imperturbável) — Há 3,558:756.
Professor (admirado) — E como é que o senhor descobriu isso?
Aluno (com malícia) — Isso, senhor professor, já é outra pergunta.

Remetente: **Capstang.**

N. da R. — Novamente prevenimos os con-correntes desta secção de que não accitaremos originaes com mais que uma anedota. Entendidos?

A's 3 da madrugada



Ela (de cima) — E' impossível continuarmos o namoro a estas horas.

Ele (debaixo) — Que queres, filha? Com este calor, quanto mais de madrugada melhor...

Ela — Concordo! Mas que dirá o guarda-nocturno?...

Calor intenso; 37 à sombra.

No Pôrto bufa-se por onde se pode. De longe a longe, como que em desafio à temperatura, divisam-se carminados elegantes de desbotado carmin à mistura com o pó de arroz já em líquido.

Tudo derrete, desde a manteiga ao queijo; nada escapa.

Devido a tanto sol, até os gémeos da menina húmida se transformam em súbditos coloniais.

Quási todos procuram o fresco e cada um busca o que lhe convém.

Sociedades inteiras, das mais elegantes e sem elegância nenhuma, quási formam bicha nos Armazéns do Pôrto, certamente na mira dos prémios que ali se distribuem.

Convergem na maioria para a Sueursal da Rua dos Clérigos.

Porquê?!

Alguém nos segreda:

Américo de Carvalho Barbosa, o Gerente, atrai mais as damas que o melhor «bom-bom» da «Sic».

Mas as elegantes dispõem ainda dum rapaz bem simpático na Central dos Loios, o José R. de Carvalho.

Não admira; é irmão do primeiro.

Fechou o principal armazém de camisaria que o Pôrto albergava, ali ao fundo da Avenida.

O artigo, por impróprio, foi vendido em hasta pública.

E' natural; com um tempo como está, nem a camisa se tolera.

Predomina o nu, tanto o artístico como o desgracioso.

Todavia, como à policia dos bons costumes nada seduz semelhante orientação, a menina anfíbia da Avenida dos Aliados foi intimada a vestir-se.

Na qualidade de filha da Câmara, o vereador do pelouro da roupa de dentro fez-lhe oferta de meia dúzia de camisas azuladas.

A menina protesta:

— Eu, com uma camisa dessas?... Estão enganados. Não represento a Vénus.

Um carro para a Foz, dos ultra-modernos, sem salpícios pendentes.

Os 50 passageiros em pé, para manter o equilíbrio, agarram-se a tudo o que encontram a jeito.

Alguns, belamente acompanhados, agarram-se à companhia. E então, vê-se cada uma, que põe a do Severiano a perder de vista.

Chegados. Efusivas saudações.

Mulheres, mulherzinhas e mulherões, passam aos magotes, indefinidamente.

Homens, para todos os gostos..., mas isso é com elas.

Na praia, ... há meninos...

Na praia, ninguém resiste, nem mesmo a policia marítima.

Quando as sercias nadam, até o peixe grosso se levanta.

Areia; banhos de sol.

Encantos estonteantes, visões de fechar todos os olhos e mais um.

A natureza sempre tem coisas...

Elegantes que passam, passando o tempo a sorver o «esquimau».

Questões de moda — ninguém tem nada com isso.

Duas beldades de sexo incerto expõem à acção dos raios solares hemisféricas proeminências.

Jogam os dados:

— Que te parecem estas dengosas, sempre a chuparem o caramelo?!...

— Um nojo.

— Ganhei, vês, meu amor?!...

— Ai tens os cinco escudos, e em prata. Gostas?!... Gostas do dinheiro assim?!...

— Não, filho... Anseio pelo tempo em que seja permitido apenas o uso do cupro-nickel.

Sal & Pimenta.

Matos no singular

Mato o tempo, com meu fato,

Sacudindo o pó que traz...

Mato tudo que me apraz,

Mas, o mato, esse, não mato!...

E também não mato o gato

Que bom serviço me faz,

Pois que só ele é capaz,

De matar com gana o rato.

Mato com muito prazer,

O mosquito, que me excita,

Fazendo-me aborrecer.

Mato o tempo nesta fita

P'ra que alguém me queira ver,

Aqui na MARIA RITA!...

Alfredo Cunha (Raza).

“Avis Vulgaris”



Um curioso tipo, muito vulgar por toda a parte onde não há vergonha.

Abre em quinze d'este mês

A caça às rôlas em Gaia.

E ai d'aquela que caia,

Nem que seja uma só vez,

Em caçar duas ou três

Rolinhas, antes do praso.

Esta nova, por acaso,

Li-a há dias num diário;

E fiquei um pouco vário

De tanto pensar no caso!

A noticia, na verdade,

Não é caso d'espantar.

Mas o que me faz pensar,

E' ver a desigualdade

Que impera em Gaia, à vontade,

Ditando sentenças tôlas

Aos caçadores. Ora bolas!

Para alguns, praso marcado...

E o Cunha da Raza, inchado,

Todo o ano a andar às rôlas!...

(Aveiro).

Olegna.

Os impossíveis deste mundo

— Tocar violino com o arco da Ponte D. Luís I...

— Matar formigas com peças de Teatro...

— Arranjar com que o Damião de Cacia escreva para a MARIA RITA...

— Engraxar o calçado com pomada Bela Dona...

— Pintar os lábios com tinta a óleo...

— Ver com os olhos das Couves...

Francisco José Rodrigues.

QUADRAS

Se tu quisesses ser minha,

Mas só minha a vida inteira,

Passávamos a vidinha

Como alpergatas na feira!

Se sais quando há nevoeiro

Tu dizes com amargura:

Este tempo traiçoeiro

Dá-me cabo da pintura.

Há tempos que andas de amores

Com um caixeiro de praça

E se lhe fazes favores

Também tens rendas de graça.

Dr. Pretito.

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre :: :: :: :: em aumento :: :: :: ::



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 20

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

12 DE AGOSTO DE 1933

QUADRO DE HONRA

**REI DO ORCO
OTROPAVLIS
OTTER**

Decifrações do n.º 18 — 1) Zefa, 2) Alifante, 3) Mânica, 4) Péruia, 5) Sãobrio, 6) Bazelina, 7) Desgarça, 8) Lisvoa, 9) Catrina, cana, 10) Família, fala, 11) Esposa, essa, 12) traçado, trado, 13) Santa Marta de Penaguão, 14) Oliveira de Frades, 15) Evacoar, 16) Recompensado, 17) Quem muito fala, pouco acerta.

Decifradores — Otopavlis, 17; Rei do Orco, 17; Otter, 17; Reirobi, 16; Edipo, 13; Dília Galo, 13; Feirante, 10; Tripeiro, 7; Só Darco, 11.

Charadas em verso

(A' charadista de «clite», Serigaita)

(1)
Cuida de ti, meu amor, — 2
Minha linda Dulcinea,
Essa carquilha no rosto — 2
Vai tornar-te mulher feia.

Rei do Orco.

(2)
Aqui jaz
Padre Gil, — 2
Dorme em paz
Desde Abril.

Não peçou dès que nasceu,
Foi um santo, coitadinho! — 1
Por isso, quando morreu,
Foi para o céu direitinho.

Lá morou
Temporada,
E gostou
Da pousada.
'Stava bem
Lá no céu,
Mas alguém
O correu...
Foi S. Pedro que o pôs fora
Por não pagar aluguer!
E o padre Gil veio embora,
Como outra alma qualquer!
Arranjou este buraco,
Gelado, triste, sombrio,
Onde não paga um pataco
De aluguer ao senhorio!

Olegna.

(3)
Alto lá! primo João — 1
Isto aqui é p'ra quem quer;
Para fazer a oração, — 2
Já cá está minha mulher.

Kiçai.

Novíssimas

(4)
Terá o frade dinheiro para adquirir
o estabelecimento? — 1-2.

Kiçai.

(5)
Apré! Agora sempre enfié na caixa
a carta que te mandei! — 2-2.

Rutra Luar.

(6)
Não desconheço que o acento se
compra com a moeda. — 1, 1.

Tripeiro.

(7)
O ferro temperado, acredita, é doce.
— 2, 1.

Tom Mix.

(8)
No estabelecimento houve grande ba-
rulho por causa de uma empola. — 1-2.

Quim Mosquito.

(Ao Busina, com vista a Bisnau
e ao grande Nau-Nau)

(9)
Conquisto velhas que sejam ricas;
adoro-as, exploro-as, caço-lhes a nota,
e depois mando-as... para a terra.
— 1-1-1.

Olegna

(10)
O animal é muito feliz junto da
minha mulher. — 1-2.

Monteiro II.

(11)
O animal saiu de trás da casota e
mordeu o leigo. — 1, 2.

Busina.

Sincopadas

(12)
3 — Quem me deixa uma mesa para
descanso do meu corpo? — 2.

Rei do Orco.

(13)
3 — Qualquer arma se examina com
cuidado. — 2.

Só Darco.

Combinadas

(Ao amigo velho e confrade Otopavlis)

(14)
+ CA = na orelha
+ FE = penhor
+ CIM = cavalo
PEIXE

Kiçai.

(Ao confrade Lérias)

(15)
+ CA = Com veste pesada
+ CE = O perigo evite,
+ NA = Porém o destino,
+ NA = Causa apetite.

Evite esse mal
Não bebendo vinho,
E a sede passa
Com fruto fresquinho.

Otopavlis.

Tipográfico

(16) 16 letras

Q 20 SÁBADO!

Otopavlis.

Maçada geográfica

(Satisfazendo o pedido de Olegna)

Formar o nome duma terra portu-
guesa com as letras da seguinte frase:

(17) VÁ-O ENCAIXANDO.

Reirobi.

Provérbio a adivinhar

(Retribuindo a Otopavlis)

(18)
Vastos dias camarada
Logo que a aurora rompia,
De caçadeira aperrada
O mato, desesperada,
Com muito afinco batia.

Mas a fera alapardada
No recolhido covil,
Pois, talvez, desconfiada
De qualquer gesto hostil,
Não saía à estacada!

A esp'rança já perdia
Mas, ó céus! O alifante
Surge; eu faço a pontaria,
E com um tiro fulminante
Sem vida o monstro caía!

Lembrou-me agora — tem graça!
Após este trabalho,
Mil raciocínios que eu faça,
E' certo o velho rifão:

.....

Serigaita.

Editorial

O circuito da Boavista

E' já amanhã que se realiza esta formidável prova portuense. Os azes do volante vão ter ocasião de experimentar, além da sua boa vista, a Boavista dos outros.

Os carros vão assemelhar-se a êmbolos, tantas vezes hão de andar de baixo para cima e de cima para baixo. E não erraremos se dissermos que um ou outro pistão há de aquecer o suficiente para esquentar de vez.

Como acontece quasi sempre nestas provas de regularidade, velocidade, continuidade e necessidade, alinharão à partida nada menos que 42 viaturas exceptuando as dos Bombeiros e a da Cruz Vermelha. Depois da décima volta, ver-se hão apenas 5 carros na pista, contando já com a maca da Cruz Vermelha; e nas últimas três voltas, ainda havemos de ver os organizadores a suar com o receio de que nenhum termine a prova.

E se algum terminar (exceptuaremos propositadamente a viatura dos Bombeiros) é com certeza aquele carreto de sétimas categorias que em 40 voltas levou 27 de partido.

Porque os outros, os que são de corrida de verdade, uns dêles griparam, outros resvalaram, outros desistiram, outros atiraram com as válvulas de segurança para o diabo que as carregue.

E' que entre nós dá-se sempre isto, graças a Deus!... Os nossos verdadeiros corredores teem de ir lá fora para fazer figura. Abrimos um parêntesis muito propositado para focarmos, elevarmos e tecermos louvores à figura filigranada de Sua Ex.^a a Ex.^{ma} Senhora Dona Palmira Coelho, que é capaz de andar um dia inteiro engrenada em primeira.

Portugal, nestas coisas de automóveis, é uma terra desgraçada. Que o diga, se quiser, o Meneses da Ford, o Cabeças do Xavier Esteves...

No entanto, lá estamos no Domingo. E' provável que nos não mandem o bilhete... Mas nós já estamos habituados a estas gentilezas.

Uma pergunta que não ofende ninguém

Que será feito daquele célebre policia sinaleiro a quem pusemos o nome de *Sempre Têso*? Temos percorrido metade do Pôrto, e o nosso caricaturista outra metade, a ver se o encontramos, e nada.

V. Ex.^{as} sabem quem é, com certeza. E' um sinaleiro na verdadeira acepção: muito nariz, muito queixo, muita verticalidade, muita ruindade, e no fim uma excelente praça.

Se alguém souber onde êle pára nesta altura, seria gentilissimo informando-nos.

Ensinamentos práticos

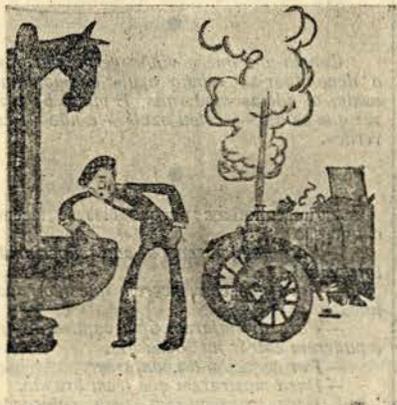
A limpeza das velas

Faz-se com a maior facilidade. Basta espelvar-lhes o pavio convenientemente. Há, porém, algumas velas que se não podem limpar depois de usadas. Estas empregam-se quasi sempre nos carros de dois lugares e em antes de iniciar a viagem.

A lubrificação

E' o principal papel de um automobilista. Não quer isto dizer que se não possa marchar sem o fazer.

Ironias



Nem sempre as necessidades estão de acôrdo com o progresso. Eis aqui um chauffeur que se serve de um antigo bebedeiro de bestas para dar água ao radiador do seu carro.

E', porém, muito mais penoso para o material, que geme sempre quando a gente o monta. Empregam-se diversos materiais, desde a manteiga em bruto até ao cuspo ao natural. O Zé de Brito diz que não, mas êle é um teimoso. Diz que a melhor untura para um automóvel é o Castrol; mas deve ser intriga.

Código da Estrada

Temos reparado ultimamente que os diversos sinais que se encontram por essas estradas fora estão quasi todos errados. Quando, por exemplo, passamos por um local onde a tabuleta *Perigo* avulta extraordinariamente, nunca encontramos nenhum carro de pernas para o ar. Já o mesmo se não dá quando avançamos numa recta sem indicação nenhuma: é certo e sabido que no meio, no principio e no fim encontramos, pelos menos, dois carros e uma camionete de rodas para o ar.

A mesma coisa, ou semelhante, acontece com as *passagens de nível*. Nível, cá no nossa dicionário, é uma coisa sem altos nem baixos.

Pois não há em Portugal nenhuma passagem de nível que não tenha uma elevação de tal forma, que aí daquella que não trate de nivelar a sua velocidade.

O que se diz no meio

—Afirmam à boca cheia que o Dr. Miguel Monteiro está *opelizado* de todo. O Opel é a única coisa que substitue com vantagem o cigarro de três estalos queêle mastiga indefinidamente.

—Também o Carneiro de Melo, tratador de vinhos e de vacas pelo mesmo processo, está embebedadissimo. E' pelo carro e pelo cinema da Foz. Consta até que vai comprar um Opel sonoro e montar um cinema de quatro velocidades.

—Consta que o Dr. Vaz Osório está farto de gastar gasolina. E a coisa leva tal jeito que êle, qualquer dia, resolve trocar o *Auburn* por uma lata de 36 litros...

—E já que estamos com os doutores na boca, sempre diremos a V. Ex.^{as} que o Dr. Pinto Osório, de Braga, anda no seu carro de dois lugares com um cão a fingir de trintanário e com os suspensórios à mostra. Se calhar, pega a moda em Braga e nos Sameiros.

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

Se leres a MARIA RITA
Só uma vez, por azar
Tens de comprá-la à compita
Hás-de ver e há-de gostar.

recebemos as seguintes quadras:

Se m'o dás, dize, Maria,
De que consta o teu manjar!...
— Ao calar da Melancia
Hás-de ver e há-de gostar...

Malagueta.

Coisas mil te tenho dado.
Uma só quero guardar:
— E' a prenda do noivado...
Hás-de ver e há-de gostar.

Alcino.

A coisa mais natural
Que possas imaginar
Vou mostrar-ta — não há mal —
Hás-de ver e há-de gostar.

Orita.

Deixa lá dizer quem diz
Quem fala, deixa falar;
Que se tiveres um petiz
Hás-de ver e há-de gostar...

Zeza.

Chamas-me máscara d'Entrudo,
Tens nojo de me beijar,
Mas... experimenta, peludo!...
Hás-de ver e há-de gostar.

Nalcefani.

A minha prima Luzia,
Quando ia p'ra se deitar,
Suspirando me dizia:
Hás-de ver e há-de gostar.

Pim-Pam-Pum.

A minha prima Isaurinha,
Que é formosa de encantar,
Disse-me ontem à noiteinha:
— *Hás-de ver e há-de gostar.*

A. H. da S.

Quando fores ao Rivoli
Algum bilhete comprar,
Espresta p'ra às bilheteiras:
— *Hás-de ver e há-de gostar.*

A. H. da S.

Diz o Manel à Maria:
— A prenda para te dar,
Hei-de ofrecer-ta algum dia,
Hás-de ver e há-de gostar...

A. H. da S.

Diz a noiva, ao Segismundo
Quando andava a nadar:
— Se algum dia fores ao fundo...
Hás-de ver e há-de gostar!...

A. H. da S.

Em questão de futebol
Não vale a pena «afinar».
Porque o que der e vier,
Hás-de ver e há-de gostar...

Alberto Henriques da Silva.

Falando da nossa RITA
Disse eu a alguém por calhar:
Não há mulher mais bonita
Hás-de ver e há-de gostar.

Trangalhadaças.

Os pomos do meu pomar,
E tudo que Deus me deu,
Hás-de ver e há-de gostar
Se um dia tudo for teu.

Cabeçudo.

Se tu soubesses, amor,
O que é que te vou dar...
E' coisa d'alto valor
Hás-de ver e há-de gostar.

Francisco Rodrigues.

E agora toca a glosar esta:

.....
.....
.....
Já não sei às quantas ando.

O prémio de 30\$00 foi atribuído à quadra de **Trangalhadaças** por ser a mais parecida. Não há distribuição do 2.º prémio.

Excavações na Cava de Viriato

Salgalhada visiense

Sr. Redactor:

Por caridade abra lá a porta da publicidade às gentes de Vizeu, não vá a posteridade acusá-los de pais dos filhos de Zebedeu... Que não seja só Braga a ter um canto disponível na nossa boa e simpática MARIA RITA. Vizeu, também ser gente. Vamos pois a isto:

Dizem-nos, e pedem segredo, que algumas senhoras, que há muito se convenceram que ficavam para tias... vibraram de entusiasmo e esperanças no último baile do Asilo de Santo António, devido a um conjunto de frases repassadas de ternura, com que foram mimoseadas por um conhecido dandy da nossa terra.

Sabemos de fonte segura que certo conquistador, das bandas da Meia-Laranja, se nega a dar mais beijos numa moreninha, que é todo o seu encanto, alegando que lhe deixa sempre os lábios pintados.

Impossível — O nosso amigo Silvino Paixão, conseguir despertar uma cuja.

Consta-nos que o vinho verde, vai passar o denominar-se «vinho azul» acompanhando assim as ideias modernas. E muito bem, uma vez que se diz — «estou azul» — e não — «estou verde».

Alguns motivos porque eles se fazem... o que são
— *Para afirmarem a sua superioridade intelectual.*
— *Para nos convencerem que são rapazes finos.*
— *Para arranjarem uma camisa de graça e puderem entrar na Sociedade.*
— *Por conselho do confessor.*
— *Para mostrarem que teem brasão.*
— *Para conseguirem uma colocação e depois... filiarem-se num partido político...*

Nos exames deste ano foi introduzida uma nova disciplina: — Apalpar em falso. Esta disciplina é destinada aos profes-

sores, que terão como colaboradoras as alunas dos respectivos Liceus. E as provas atingiram tamanha importância, que o primeiro professor a prestar provas, principiou por meter a mão no seio duma aluna, segundo elle dizia para tirar um ponto que lá se encontrava, o que lhe valeu ter ido dali para o tribunal, por a aluna entender que não era por ali que devia começar a prova, o que a impeliu a levar recurso da forma adoptada pelo mestre. Pagará o sujeito os 900\$00 do estilo?

E já que se falou em professores do nosso Liceu, aí vai uma dum dêtes, cuja autenticidade garantimos.

Numa aula de Geografia, do dr. C. R.:
O PROFESSOR — *O que é uma Floresta Virgem?*
O ALUNO — *E'... é... é...*
O PROFESSOR — *E' uma floresta onde a mão do homem nunca pôs o pé.*

Adquiriu um chapéu de palha, novinho em folha, o nosso amigo — amigo de toda a gente, sr. dr. José J. César.

Está para breve uma excursão ao norte, por um grupo desta terra, e que por simpatia para com um grupo do Pôrto, que há tempos nos visitou, com o nome de «Garrafinhas», resolveu tomar para si a designação de «Garrafões». Afirma-se que os nossos homens estão dispostos a provarem ao público que não foi de balde que adoptaram semelhante nome.

Alcançou mais 7 milímetros de estatura o sr. dr. Jesuino de Aragão. Segundo consta foram-lhe concedidos, como uma benesse, pelo seu illustre chefe sr. Rolão.

Epidemia — *Lavra grossa epidemia entre os professores do Liceu, com o carácter de anemia cerebral, que dizem ter sido motivada pela enorme quantidade de chumbos que espalharam entre os seus alunos. A febre excessiva que os atacou, deu-lhes para reprovarem 90 por cento dos examinandos.*

Aderiu ao Nacional-Sindicalismo, o valeroso Viriato, Pastor dos Herminios.

Zé Liró.

PEÇAS E

de
FRAGIL



DECIMA PEÇA DO CONCURSO OU COMEMOS TODOS...

(Peça num acto e três tempos)

PERSONAGENS

- A orquestra
- O orador improvisado
- A assistência (sem ser aos pobres) composta de camisas de vários sexos, várias cores e feitios
- O Zé Povinho (a escutar à porta)
- A camisa-macho
- A camisa-fêmea

PRIMEIRO TEMPO

Edifício coberto de cristal, portas fechadas, trancadas, guardadas e blindadas por dentro, grandes mesas que apresentam o aspecto dum fim de batalha; e a Cruz de Cristo... a escutar tudo isto! A orquestra toca o hino da Rua da Restauração e começa a junção.

O ORADOR IMPROVISADO — Meus senhores e senhoras camaradas... O melhor meio da gente se reunir, é à volta duma mesa; e isto está no nosso programa. Fazem para aí ceias à americana, ceias à portuguesa, mas nós como bons patriotas que somos, vamos ceiar à Bochealimão — Olão, olão, olão...

O ZÉ POVINHO (a escutar à porta) — Tadinhos!...

(Neste momento a orquestra toca o hino da Esperança e a assistência em côro canta:)

Chamaste-me porcalhona

.....
.....
.....

SEGUNDO TEMPO

A CAMISA-MACHO — Meus senhores, a salvação de Portugal está entre nós.

A CAMISA-FÊMEA — E acabam certos receios...

O ZÉ POVINHO (a escutar à porta)

— Mas que raio de palavriado é aquele que eu não percebo nada?...

A CAMISA-MACHO — Só a junção das camisas fará a satisfação das almas!...

A CAMISA-FÊMEA — Muito bem! Muito bem!...

A CAMISA-MACHO — Onde não há pão, há fome e onde há fome há «lazeira»!...

O ZÉ POVINHO (a escutar à porta) — E eu que o diga...

A CAMISA-MACHO — Mas isto vai acabar... vai haver pão em todos os lares!...

TODOS — Ao-ão-ão-ão...

O ZÉ POVINHO (a escutar à porta) — Que tratantes... Os outros prometeram-me bacalhau a «pataco» e estes agora prometem-me brôa de graça...

Ah! Marmeleiro!...

A CAMISA-MACHO — Quando se fizer a grande avançada para trás... há de ser de...

A ASSISTÊNCIA EM CORO — De roldão, roldão, roldão!...

(A orquestra toca o Rei chegou e a assistência canta:)

D. Miguel chegou à barra
Sua Mãe lhe deu a mão...

.....
.....

TODOS — Ao-ão-ão-ão...

TERCEIRO TEMPO

A CAMISA-MACHO — Quando nós nos governarmos!...

A ASSISTÊNCIA — Isso, isso, isso!...

A CAMISA-MACHO — Perdão! Quando nós governarmos, a justiça há de ser integral. (Canta):

O' ditoso Portugal
Vê se resistes à prova.
Nós entramos de macio...
O' fogueiras do Rossio
O' fôrças da Praça Nova!...

A ASSISTÊNCIA (levantando-se electrizada) — Camisas acima! Viva o Comunismo negro! Viva o Sindicalismo!

Abaixo o capital dos outros!...

...e o pano caiu!... só não caiu uma chuva de picaretas!...

Delfim de Freitas.



CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: No próximo mês, estreia da Companhia de revistas do Teatro Avenida.

Rivolti: O admirável filme *Uma hora contigo*.

Batalha: Os grandes filmes *O Cow-boy e o rei* e *Raparigas de uniforme*.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Licoiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Nome Pontos

Morada (Cortar por aqui)

No próximo número damos a lista dos pontos obtidos por cada concorrente referente à quarta semana.

A lista da 3.ª semana vai publicada na 2.ª página

Quem quiser concorrer não tem mais que marcar na gravura acima cinco dos 6 bonecos publicados. A marcação pode ser feita de qualquer forma: ou cortando ou riscando os cinco bonecos em que deseja acertar. Depois remetem a barraca para a nossa redacção até à próxima quinta-feira.

No próximo número será publicada esta mesma gravura sem os cinco bonecos que teem de morrer esta semana, de acôrdo com o envelope lacrado correspondente à quarta, que está exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto. No número seguinte daremos a lista dos concorrentes e dos prémios atribuidos a cada um.

Pede-se o favor de reclamarem no caso de não estar de acôrdo o número de pontos atribuidos. A tudo se dará resposta, porque nos concursos da MARIA RITA impera a

Honestidade e o Escrúpulo

Visado pela Comissão de Censura